Wilson Roberto Trevisan Novaretti (1951-2015)

O cupinólogo que transformou o Nordeste do Brasil em um florescente canavial

Luiz Roberto Fontes*



Nem sempre os três cupinólogos de canaviais podem comparecer; mesmo assim seguimos juntos: Newton Macedo (à esquerda), Wilson Novaretti e Luiz Roberto Fontes. Ribeirão Preto/SP, 24/10/2006, 2º Seminário Nacional sobre Controle de Pragas da Cana-de-Açúcar/2º Insect Show.

Nosso primeiro contato foi em 1993, no 2º Encontro Paulista de Pesquisadores de Cupins, em Rio Claro (veja *Vetores & Pragas,* nº 27, p. 12). Porém, realmente conheci o Novaretti quando ministrei o "Curso de identificação de cupins de interesse agroflorestal", durante três dias na Escola Superior de Agricultura Luiz de Queiroz/ESALQ-USP, em 1996. Ele estava entre os inscritos e sua participação foi notável. Sempre bem humorado, fazia comentários pertinentes e trouxe inúmeros relatos termíticos de sua larga experiência profissional, como consultor de pragas de solo em áreas canavieiras e diretor do Laboratório de Análises Nematológicas na Agricultura/ANNA. Eram muitas as dúvidas sobre a biologia dos cupins e acho que foi nesse curso que ele, além dos nematoides, apaixonou-se definitivamente pelo cupim. Tornamo-nos amigos e nosso contato tornou-se frequente, sempre que havia algo a discutir. Não demorou muito e, ainda em 1996, o Novaretti me introduziu (ou me obrigou a aceitar) no fascinante mundo canavieiro da região Nordeste do Brasil. Inicialmente eram palestras para a Rhodia-Agro. Estivemos juntos em Recife e Maceió. Logo vieram as atividades no campo, voltadas ao diagnóstico dos problemas de cultivo. Em diversas ocasiões visitamos canaviais em Alagoas, Rio Grande do Norte, Pernambuco e Paraíba.

Fato memorável, em nossa primeira viagem ao campo eu ouvira relatos de problemas no plantio e tentava entender o que se passava. Também ainda não dominava os termos técnicos mencionados com tanta naturalidade pelo Novaretti, como soqueira, reboleira, semente, touceira, cultivo mínimo, nomes comerciais e técnicos de produtos químicos etc. Estávamos longe da sede, na área plana de uma usina (creio que era a Usina Estivas, no RN), em meio ao que me pareceu um capinzal bem esparso, com ampla exposição do solo arenoso ao sol ardente, quando perguntei ao agrônomo que nos acompanhava: "*quando vamos ao canavial?"* A resposta do profissional me surpreendeu: *"nós estamos no canavial!"* Novaretti riu e, nesse momento, eu me dei conta da gravidade do problema, pois o plantio era praticamente um deserto arenoso, e os "capins esparsos aqui e ali" eram a cana-planta que tentava, quase inutilmente, despontar e crescer. Não havia salvação para todo esse plantio, estava perdido. Já haviam feito análise de micro e macronutrientes, pesquisado nematoides, promovido adubações variadas e irrigações, e nada de cana! Solicitei então um enxadão (lá designado enxadeco) e, após longa demora para obter um, finalmente escavamos, arrancamos várias touceiras e, para minha ou nossa surpresa, havia cupins em todas as covas. Principalmente *Amitermes* e *Cylindrotermes* penetravam as sementes ainda vivas e poucas brotavam. Partimos para outras usinas e o quadro era similar, às vezes também

com presença de *Nasutitermes*, *Neocapritermes* e *Heterotermes*.

Novaretti era o consultor das usinas e, como tal, sabia que um consultor autônomo não pode errar. Discutimos os casos e concluímos que o problema era causado por cupins, ora mais grave, ora menos, porém sempre expressivo. A queda na produção estava explicada: ou se controla o cupim, ou não se colhe cana. Ele instalou experimentos com áreas tratadas e áreas controle e, em meu futuro retorno às mesmas áreas, sorridente mostrou os resultados: "*veja a diferença entre as áreas tratadas e as controle!*" No final da década de 1990, a consciência sobre o problema termítico disseminou e hoje podemos dizer que o nordeste do Brasil se tornou um belíssimo canavial. Por conta desse trabalho prático e bem sucedido, redigimos o capítulo "Cupins: uma grave ameaça à cana-de-açúcar no Nordeste do Brasil", para o livro *Cupins. O desafio do conhecimento* (1998).

Outra notável lembrança de nossa primeira viagem ao campo foi o desabafo de um agrônomo de usina, desolado no canavial destruído pelo cupim: "*que praga terrível! Precisamos extinguir o cupim!*" Esta frase forte suscitou proveitosa discussão, consolidou a nossa visão sobre o papel benéfico da fauna do solo e, mais tarde, nos levou a adotar uma posição irredutível nas questões termíticas urbanas e nos plantios. Eu desenvolvi o conceito de "barreira biológica urbana" (ver *Vetores & Pragas*, Nº. 27, p. 3-4, 2011), em que a fauna de cupins nativos, abundante nos solos das cidades das faixas tropical e subtropical, quando preservada compõe uma barreira muito mais eficiente do que qualquer "barreira química", na defesa do território edificado. P or sua vez, Novaretti passou a difundir o papel benéfico dos cupins no solo dos plantios e a promover a necessidade de um levantamento termítico no solo dos canaviais, para que o controle químico somente seja realizado sob indicações precisas, quando realmente beneficiar o plantio.

Mais do que um companheiro e colega na profissão, a quem aprendi a respeitar e admirar, nesses quase 20 anos de convívio amigo nós compartilhamos coisas da ciência, viagens de trabalho e passeio, almoços, cervejas, alegrias, tristezas, conversas sem fim, mútua admiração e muita amizade. Novaretti partiu aos 64 anos (18/01/1951-09/10/2015), vencido por uma doença grave e insidiosa, que não manifestou sinais prévios. Talvez a melhor explicação para a viagem derradeira e precoce do meu amigo esteja na história, não sei se real ou fantasiosa, da mãe que explicou ao filho o motivo da morte prematura, que nos alcança no auge da vitalidade e da capacidade de trabalho: "*nos jardins, não são as mais belas flores as primeiras a serem colhidas?*" Uma belíssima flor foi colhida, e os jardins canavieiros de nosso país mostrarão, sempre, uma falha em cada plantio.

Luiz Roberto Fontes, biólogo (entomólogo) e consultor. E-mail: lrfontes@uol.com.br